

# **Um novo horizonte cerâmico no Golfão Maranhense – Ilha de São Luís – MA**

## **A new ceramic horizon in the Golfão Maranhense - São Luís Island – MA**

### **Un nuevo horizonte cerámico en el Golfão Maranhense - Isla de São Luís - MA**

**Arkley Marques Bandeira <sup>1</sup>**

#### **RESUMO**

Este artigo discorre sobre um horizonte cerâmico que vem ocorrendo em vários sítios arqueológicos no Golfão Maranhense, mais precisamente na Ilha de São Luís, e foi abordado apenas parcialmente por Bandeira (2008, 2010, 2013) quando trabalhou com as ocupações humanas pescadoras-coletoras assentadas em sambaquis. Trata-se de um horizonte cerâmico, possivelmente associado a povos cultivadores que habitaram regiões costeiras e estuarinas do Maranhão. Este conjunto cerâmico foi denominado pelo autor de Inciso associado à terra preta e foi situado cronologicamente, entre 1940 a 680 anos antes do presente, ou seja, ele ocorreu em pacote sedimentar que se sobrepôs à ocupação sambaqueira, cuja matriz arqueológica é formada, majoritariamente por conchas e restos ósseos. Neste artigo serão abordados os aspectos mais característicos relacionados a contextualização deste tipo cerâmico ainda pouco investigado na arqueologia maranhense, a exemplo da inserção espaço-temporal, deposição, atributos técnicos e tipológicos, variabilidade dos conjuntos cerâmicos, com base na decoração plástica e no emprego social.

---

<sup>1</sup> arqueólogo. Doutor em Arqueologia, Docente do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas - UFMA – Campus de Pinheiro. Rua dos Juritis, n.2, Ed. Mirela, apto 802, Jardim Renascença, São Luís – MA. Cep: 65075-240. E-mail: arkleymbandeira@gmail.com

**PALAVRAS-CHAVE:** Cerâmica-Incisa-Terra Preta-Ilha de São Luís.

## **ABSTRACT**

This article discusses a ceramic horizon that has been occurring in several archaeological sites in the Golfão Maranhense, more precisely on the Island of São Luís, and was only partially approached by Bandeira (2008, 2010, 2013), when he worked with the fisherman-collector human occupations seated on sambaquis. It is a ceramic horizon, possibly associated with cultivating peoples that inhabited coastal and estuarine regions of Maranhão. This ceramic set was named by the author of Inciso associated with the black earth, and was located chronologically, between 1940 and 680 years before the present, that is, it occurred in a sedimentary package that overlapped the sambaqueira occupation, whose archaeological matrix is formed, mainly by shells and bone remains. In this article, the most characteristic aspects related to the contextualization of this ceramic type, still little investigated in the archeology of Maranhão, will be discussed, such as space-time insertion, deposition, technical and typological attributes, and variability of ceramic sets based on plastic decoration and social work.

**KEYWORDS:** Ceramica- Incised-Black earth-São Luís Island.

## **RESUMEN**

Este artículo discurre sobre un horizonte cerámico que viene ocurriendo en varios sitios arqueológicos en el Golfão Maranhense, más precisamente en la Isla de São Luís, y fue abordado sólo parcialmente por Bandera (2008, 2010, 2013), cuando trabajó con las ocupaciones humanas pescadoras-colectoras Asentadas en sambaquis. Se trata de un horizonte cerámico, posiblemente asociado a pueblos cultivadores que habitaron regiones costeras y estuarinas de Maranhão. Este conjunto cerámico fue denominado por el autor de Inciso asociado a la tierra negra, y fue situado cronológicamente, entre 1940 a 680 años antes del presente, o sea, ocurrió en un paquete sedimentario que se superpuso a la ocupación sambaqueira, cuya matriz arqueológica se forma, mayoritariamente por conchas y restos óseos. En este artículo se abordarán los aspectos más característicos relacionados con la contextualización de este tipo cerámico aún poco investigado en la arqueología maranhense, a ejemplo de la inserción espacio-temporal, deposición, atributos técnicos y tipológicos, variabilidad de los conjuntos cerámicos, con base en la decoración plástica y empleo social.

## INTRODUÇÃO

Este artigo discorre sobre um horizonte cerâmico que vem ocorrendo em vários sítios arqueológicos no Golfão Maranhense, mais precisamente na Ilha de São Luís, e foi abordado apenas parcialmente por Bandeira (2008, 2010, 2013), quando trabalhou com as ocupações humanas pescadoras-coletoras assentadas em sambaquis<sup>2</sup>.

Naquele contexto, o foco da análise foi a cerâmica Mina e a sua possível associação com um modo de vida de seus produtores, que exploravam os recursos aquáticos, essencialmente pescados, moluscos e crustáceos. Por apresentar características técnicas e tipológicas bastante peculiares, foi criada no âmbito do PRONAPA uma nova tradição arqueológica para categorizar o conjunto cerâmico Mina, com base em algumas recorrências, sobretudo, o antiplástico em concha, as formas simples e com decoração plástica escavada<sup>3</sup>.

Aliado a isto, a cerâmica Mina apresentou cronologias bastante recuadas em se tratando da manufatura cerâmica na América, com datas se estendendo, entre 3.000 a 1.600 anos a. C., segundo Simões (1981) ou cerca de 5.570 até 3.490 anos A.P., segundo Roosevelt (1995) para os sambaquis do Pará, e em torno de 5.800 anos A.P. para os sambaquis da Ilha de São Luís (BANDEIRA, 2013).

Este preâmbulo sobre a cerâmica Mina e a sua relativa antiguidade serviu de pano de fundo para estruturar uma comparação entre este conjunto cerâmico sistematicamente estudado e publicado pelo autor (BANDEIRA, 2016; 2015, 2017 no prelo) e o novo horizonte cerâmico que está sendo proposto para a porção mais a leste da Amazônia, na sua porção atlântica do Maranhão.

Para fins comparativos este novo conjunto cerâmico proposto foi denominado de Horizonte inciso associado à terra *preta*, cujas características associadas ao contexto arqueológico, a exemplo da distribuição espacial, inserção temporal e

<sup>2</sup> O estímulo maior para o desenvolvimento deste texto partiu de uma indicação do Prof. André Prous, que em visita a Casa da Memória, do Instituto do Ecomuseu do Sítio do Físico, em 2016, se deparou com fragmentos cerâmicos associados a este horizonte ainda desconhecido da literatura arqueológica e propôs a este autor uma análise mais pormenorizada do conjunto que está sendo apresentado neste artigo.

<sup>3</sup> A Cerâmica Mina foi estabelecida por Mário Ferreira Simões, na década de 1960, a partir de dados obtidos em 62 sítios arqueológicos no Pará, dos quais, 43 eram sambaquis litorâneos; 3 eram sambaquis de gastrópodes fluviais e 16 eram sítios cerâmicos a céu aberto. O autor concluiu que a cerâmica Mina possuía correlações com outros complexos cerâmicos da América do Sul, a exemplo da Fase Alaka, Castália e Peripiri (SIMÕES, 1981). Além disso, criou 5 fases arqueológicas para os sítios cerâmicos próximos ao litoral ou com supostas correlações culturais com a cerâmica Mina no Pará, a exemplo da própria fase Mina para alguns sambaquis cerâmicos, Uruá para os sambaquis com gastrópodes fluviais e Areião, Tucumã e Marudá para os sítios não sambaquis (SIMÕES, 1978).

aspectos tipológicos e tecnológicos contrastam fortemente com a cerâmica Mina, a exemplo de uma maior variabilidade de antiplásticos, com o uso de vegetais, palhas secas, carvão, minerais, cacos de cerâmica moídos e, possivelmente cauxi, com a queima oscilando entre redutora, oxidante e com núcleo.

Além disso, a composição das vasilhas apresentou formas bem mais complexas que a cerâmica Mina, com contornos compostos, carenas, flanges mesiais, a superfície alisada e polida e paredes finas e médias, sendo que em alguns exemplares foi observado o uso de apliques modelados e apêndices.

O tratamento plástico foi a principal técnica utilizada na decoração, sendo observadas composições geométricas pelas técnicas de incisão, excisão, acanalado, escovado, ponteadado, unglado e digitado, sendo aplicados majoritariamente entre o lábio, a borda e a parte superior do bojo.

Conforme apresentado, a simples lista de atributos já demonstram uma clara diferenciação entre os conjuntos cerâmicos apresentados, tratando-se, possivelmente de outros povos que ocuparam a Ilha de São Luís em momentos posteriores a ocupação sambaquieira e produziram uma cerâmica bastante diferenciada da Mina. Além dos aspectos formais da cerâmica e das possíveis interações estilísticas, este artigo agregará conhecimento com base no histórico das pesquisas na região, a distribuição espacial e inserção ambiental dos sítios com este tipo cerâmico, a cronologia, o contexto arqueológico, o padrão de assentamento, bem como o emprego social e o descarte.

## **CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL DA ÁREA DE PESQUISA**

A ocorrência de sítios com a presença cerâmica classificada como *Horizonte inciso associado à terra preta*, com exceção de alguns exemplares semelhantes identificados em outras regiões do Golfão Maranhão, situam-se em uma região costeira e martíromo-estuarina, sobretudo, nas maiores elevações da planície costeira delimitada pelas baías de São Marcos e São José.

O Golfão Maranhense é um grande e complexo sistema estuarino em uma posição em ângulo reto em relação ao litoral, sua hidrodinâmica é movida pelo regime de marés semidiurnas. O Golfão é largamente aberto ao Norte sobre a plataforma continental, onde se comunica diretamente com o Oceano Atlântico Sul, através da abertura compreendida entre a baía de Cumã e a baía dos Tubarões com cerca de 100 km, e é desenvolvido entre o Litoral Oriental e Litoral Ocidental.

Ele faz parte de um amplo complexo estuarino, caracterizado por ser uma planície flúvio-marinha formada por estuários afogados dos rios Mearim, Itapecuru e Munim, constituindo uma região rebaixada com numerosas lagoas fluviais e extensas várzeas inundáveis (IMESC, 2011), que tem sua existência renovada graças ao fluxo das baías de São Marcos e São José (MIRANDA et al., 2002)<sup>4</sup>.

Não obstante, o foco deste artigo é mais circunscrito espacialmente, e abrange apenas os sítios arqueológicos situados na Ilha de São Luís, especialmente àqueles trabalhados por Bandeira (2013) em sua tese, a saber, Sambaqui do Bacanga, Sambaqui da Panaquatira, Sambaqui do Paço do Lumiar, Sítio Maiobinha I e Sítio Vinhais Velho, além de algumas referências oriundas de outros sítios escavados no âmbito do licenciamento ambiental, a exemplo do Maracanã.

Em relação a distribuição espacial, a região dos sítios citados também denominada de Ilha Grande, Ilha de *Upaon Açú* ou Ilha do Maranhão, é formada por quatro municípios: São Luís, São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa e possui aproximadamente 831,7 km<sup>2</sup> de área.

Ela situa-se no Nordeste do Brasil, norte do Maranhão e limita-se ao norte com o Oceano Atlântico; ao sul, com a baía de São José e o Estreito dos Mosquitos; a leste com a baía de São José e a oeste com a baía de São Marcos, nas coordenadas 02°22'23" e 02°51'00" Latitude Sul; 44°26'41" e 43°59'41" de Longitude Oeste, em feição geológico-geomorfológica do Golfão Maranhense, sendo esta uma articulação regional da costa brasileira caracterizada por um grande e complexo sistema estuarino, delimitado pelas baías de São Marcos e de São José (IMESC, 2011).

<sup>4</sup> A baía de São Marcos tem orientação NE-SW, sendo a mais expressiva, não só por sua vasta e extensa zona estuarina, mas por sua navegabilidade graças ao profundo canal natural, ao complexo portuário e industrial. Ela abre-se sobre a plataforma continental e apresenta uma largura de 50 km na parte Norte, 15 km na parte central (entre Alcântara e a Ponta de São Marcos), 25 km na altura da ilha dos Caranguejos e 7 km na foz do rio Mearim. Na foz da baía de São José ocorre extremidades de esporões ou de bancos, assimétricos, com direção ENE-WSW, oblíqua à costa, separados por canais estreitos (EL-ROBRINI et al., 2002). Alguns bancos situados pouco mais a leste orientam-se paralelamente à linha de costa. Na baía de São José não existe canal de maré desenvolvido como na baía de São Marcos. As duas baías, supracitadas, têm ligações distintas com o mar aberto. Em frente ao Golfão, a plataforma continental apresenta uma depressão, denominada de "Depressão Maranhense".

A Figura 1 ilustra a inserção geográfica da Ilha de São Luís, em relação ao estado do Maranhão.

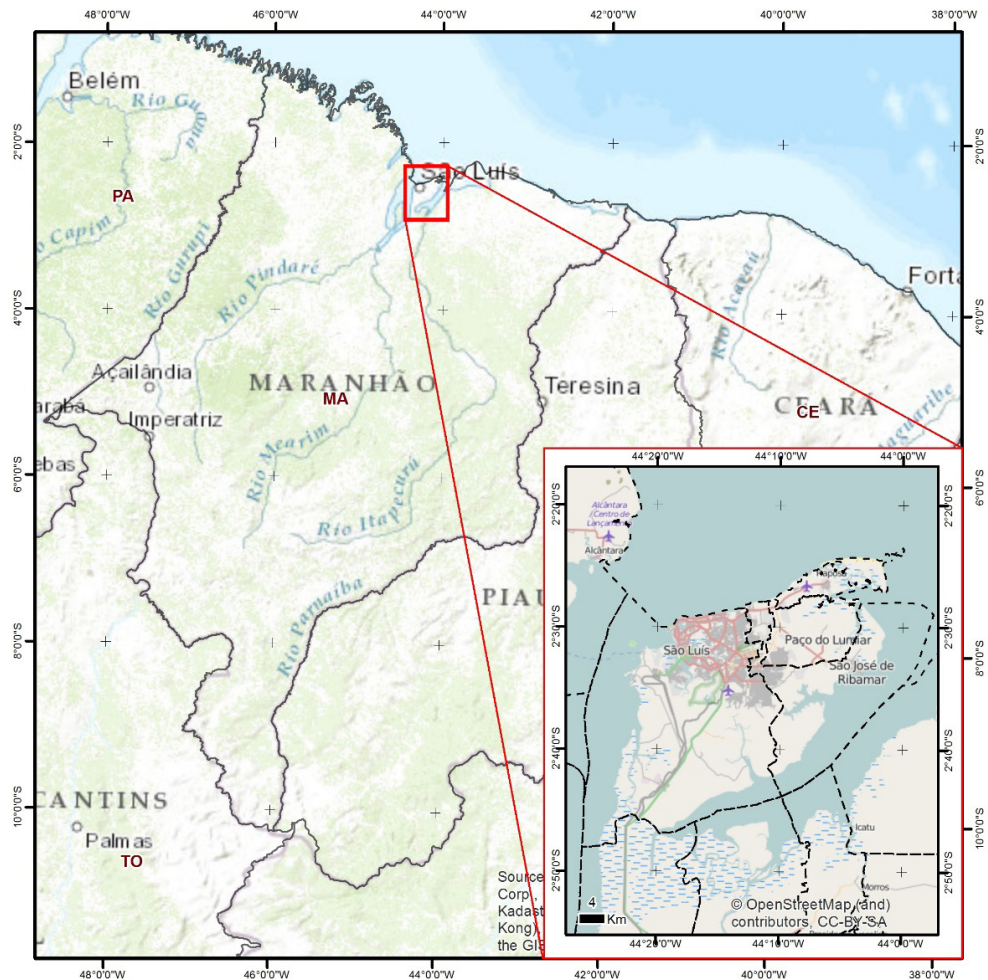


Figura 1 - Inserção geográfica da Ilha de São Luís e dos seus municípios formadores. Elaboração: Waldir Lustosa

A Ilha de São Luís possui doze bacias hidrográficas, a exemplo do Tibiri, Paciência, Inhaúma, Praias, Santo Antônio, Estiva, Geniparana, Cachorros, Guarapiranga, Itaqui, Bacanga e Anil. Os maiores rios são o Bacanga e o Anil, que deságuam na baía de São Marcos e os

rios Paciência, Santo Antônio, Jeniparana e Tibiri, que deságuam na baía de São José, conforme ilustrado na Figura 2.

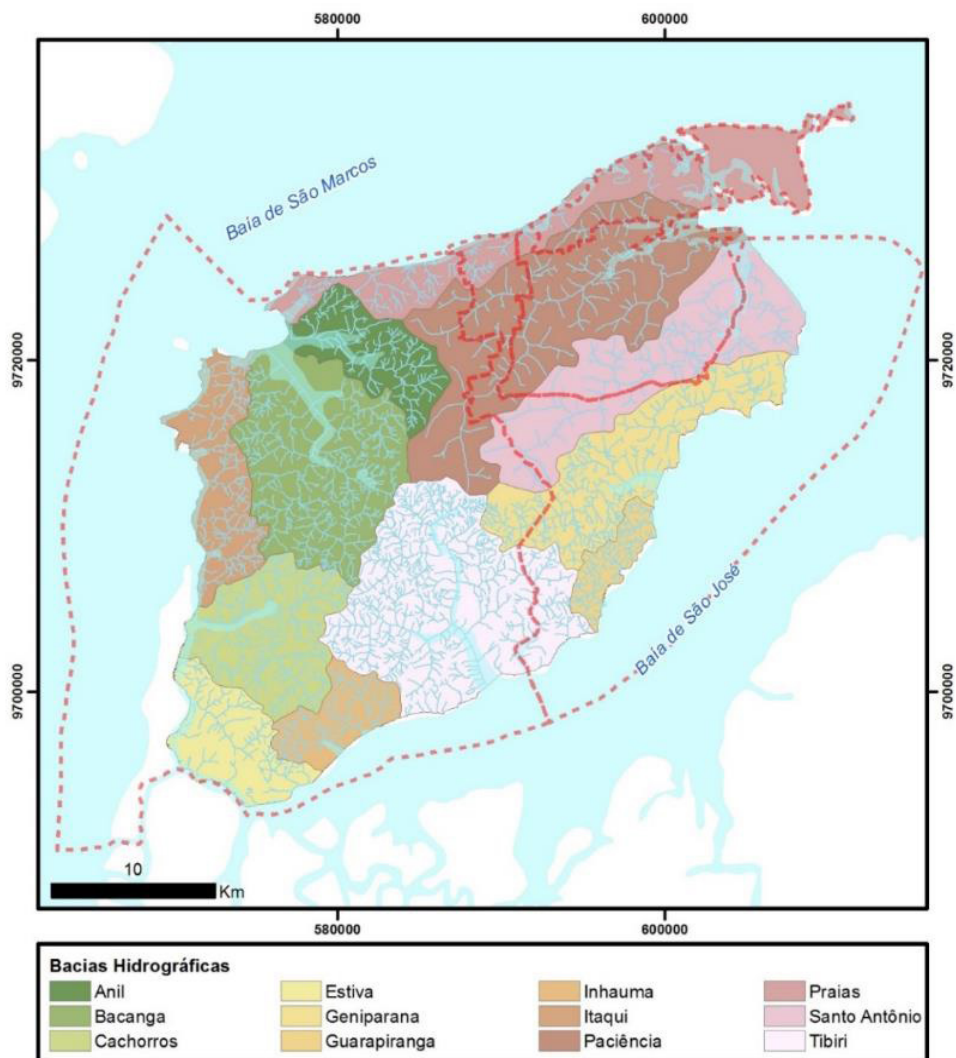


Figura 2 - Bacias hidrográficas da Ilha de São Luís – MA. Elaboração: Waldir Lustosa.

Conforme apresentado no mapa anterior, as nascentes das maiores bacias hidrográficas estão localizadas na porção central da Ilha de São Luís e se direcionam de forma divergente em direção a área costeira, resultando em uma região de grande riqueza hídrica e de recursos naturais, formada por apicuns, baías, braços de mar, cordões arenosos, furos, ilhas, manguezais, áreas de vasas e praias.

Além disso, a proximidade com a linha do Equador e a configuração do relevo favorecem amplitudes de marés que alcançam até 7,2 m, com média aproximada de 6,6 m, e penetram nos leitos dos rios causando influências até cerca de 150 km continente adentro (FEITOSA e TROVÃO, 2006), conforme ilustrado na Figura 3.



Figura 3 – Vista geral da praia de Panaquatira, em São José de Ribamar, em período de baixamar. Foto: Autor, 2013.

Uma característica comum a esse setor da costa brasileira é a presença de uma exuberante floresta de mangues, que apenas no Maranhão ocupa uma área de 500.000 ha, correspondendo a quase metade da superfície total de mangues no Brasil (CNISO, 1998).



Schaeffer-Novelli et al. (1983) contabilizaram uma área de 600.000 ha, incluindo os 226.000 ha de florestas de mangues só do Golfão Maranhense, conforme demonstrado na Figura 4.



Figura 4 – Ecossistema de manguezal na bacia do rio Bacanga, São Luís – MA.  
Foto: Autor, 2017.

## DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL E INSERÇÃO AMBIENTAL

Conforme demonstrado no item que se seguiu, os sítios arqueológicos com cerâmica vinculada ao *Horizonte inciso associado à terra preta* ocorrem em todo o Golfão Maranhense, incluindo as baías de São Marcos e São José e parte do litoral ocidental, correspondendo ao que se pode denominar do Litoral Equatorial Amazônico, inserido no leste amazônico<sup>5</sup>.

Esta região corresponde a mesma área de distribuição espacial dos sambaquis amazônicos, sobretudo, àqueles localizados próximos as praias, estuários e baixo cursos de rios. Portanto, em relação a inserção ambiental e locação dos assentamentos, os grupos humanos vinculados ao horizonte citado optaram por ocupar os mesmos espaços anteriormente habitados pelos grupos sambaquieiros, possivelmente causando conflitos pelo uso da terra e pelos espaços de captação de recursos.

Em se tratando de reocupações das mesmas áreas, algumas premissas podem ser testadas, a exemplo da Ilha de São Luís ser considerada um lugar persistente<sup>6</sup>, conforme modelo cunhado por Schlanger (1992), uma vez que os ambientes litorâneos e estuarinos apresentam

---

<sup>5</sup> Em termos ambientais, o geógrafo Aziz Ab'Saber (2006) reconheceu dados geomorfológicos, paisagísticos e fisiográficos, a existência de seis grandes setores projetados para costa tropical e subtropical brasileira. A classificação para a porção mais setentrional da costa do Brasil foi denominada de "litoral equatorial amazônico". Trata-se de um macrossetor da linha da costa brasileira, com aproximadamente 1.850 quilômetros de extensão, dominados por tipos de costa baixa, um golfão de origem complexa e diferentes planícies de marés tropicais fixadas por manguezais. Nesta região existem grandes exceções paisagísticas e ecológicas caracterizadas principalmente pelo ecossistema de manguezal e energia hídrica bastante dinâmica, no qual modificações morfológicas e sedimentológicas são regras e ocorrem em escalas espaciais e temporais, as quais variam em poucos segundos e centímetros há séculos e em milhares de quilômetros (MENDES, 2003). No Pará essa região é denominada de Salgado, devido ao gradiente de sal que compõe as águas desde a Baía de Marajó até a foz do rio Gurupi e segue por todo o litoral ocidental do Maranhão, estendendo-se até o Golfão maranhense, na Ilha de São Luís. Essa região insere-se em termos morfoestruturais e morfoclimáticos no litoral de rias, também denominada de reentrâncias paraenses e maranhenses e apresenta uma costa de submersão, baixa e recortada, de características fluvioestuarinas, sujeita a grande variação das marés.

<sup>6</sup> Schlanger definiu um lugar persistente como "a place that is used repeatedly during the long-term occupation of region" (SCHLANGER, 1992), ou seja, uma região onde as características naturais e culturais o tornam propícios a ocupação e reocupação humana ao longo dos milênios, sendo marcado por ciclos de abandonos e reocupações.

alto potencial para captação de recursos, propiciando estabilidade territorial, sem contar com as condições ideais para deslocamento, comércio, trocas, dentre outros aspectos.

Portanto, os dados arqueológicos vem corroborando para a compreensão da Ilha de São Luís como um lugar persistente, que vem sendo sistematicamente ocupada desde 6.600 anos antes do presente (BANDEIRA, 2008) por povos ceramistas; passando a ser colonizada por grupos sambaquieiros associados a cerâmica Mina, que desde 5.800 anos antes do presente passou a povoar distintos territórios (BANDEIRA, 2016), culminando com a chegada de grupos amazônicos, possivelmente vinculados ao *Horizonte ceramista inciso associado à terra preta*, entre 2 mil a 1 mil anos atrás (BANDEIRA, 2013), e, finalizando com a presença massiva de povos Tupinambá, entre os séculos XIV e XVII, já em período de contato com o colonizador europeu (BANDEIRA, 2015).

Diante deste quadro crono-cultural em que o *Horizonte ceramista inciso associado à terra preta* será abordado com maior profundidade ao longo deste texto, a primeira característica dos sítios arqueológicos vinculados ao este grupo humano é a opção por ocupar e se sobrepor às camadas de conchas dos sambaquis, cuja principal evidência remanescente são os fragmentos cerâmicos e um pacote de terra preta de espessura variável.

Logo, é mister considerar que os povos que manufaturaram a cerâmica incisa estavam relacionados a formação de terra preta (intencionalmente ou não), ocupando recorrentemente os topos dos sambaquis e se utilizando das suas áreas de captação de recursos, especialmente, as praias e os estuários, bem como implantando áreas de cultivos nos terraços ribeirinhos dos rios que deságuam no Golfão Maranhense.

Contudo, cabe pontuar que nas prospecções realizadas ao longo de 10 anos na Ilha de São Luís, Bandeira e equipe vêm identificando outros sítios com cerâmica incisa associados a terra preta, mas sem se situar nos topos dos sambaquis. Não obstante, tais sítios distam menos de 1 km de algum sambaqui conhecido ou já destruído (BANDEIRA, 2013).

Diante do exposto, a Figura 5 corresponde a um mapa de distribuição dos sítios arqueológicos na Ilha de São Luís, considerando a presença dos sambaquis, aldeamentos Tupi, incluindo Tupinambá, camboas de pedra e sítios históricos, corroborando com a premissa de que a Ilha de São Luís é um lugar persistente para as ocupações humanas no passado e presente.

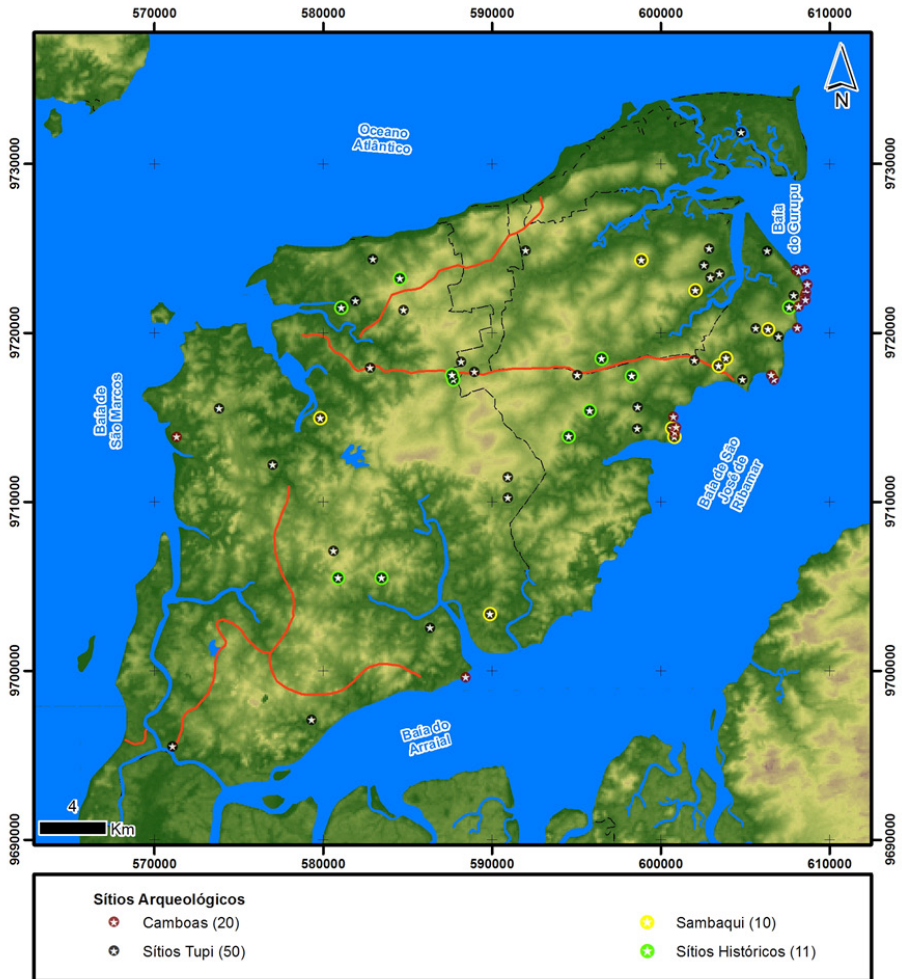


Figura 5 – Distribuição espacial de diversas categorias de sítios registradas na Ilha de São Luís – MA. Elaboração: Waldir Lustosa.

Especificamente, sobre os sítios arqueológicos vinculados a *Horizonte ceramista inciso associado à terra preta*, conforme observado no mapa da Figura 6, as suas distribuições espaciais não apresentaram nenhuma mudança significativa, visto que a sobreposição dos sítios multicomponenciais com cerâmica incisa coincide com os locais dos sambaquis e dos sítios Tupi, incluindo assentamentos Tupinambá, confirmando novamente a opção desses grupos em ocupar locais já habitados ou abandonados por outros povos.

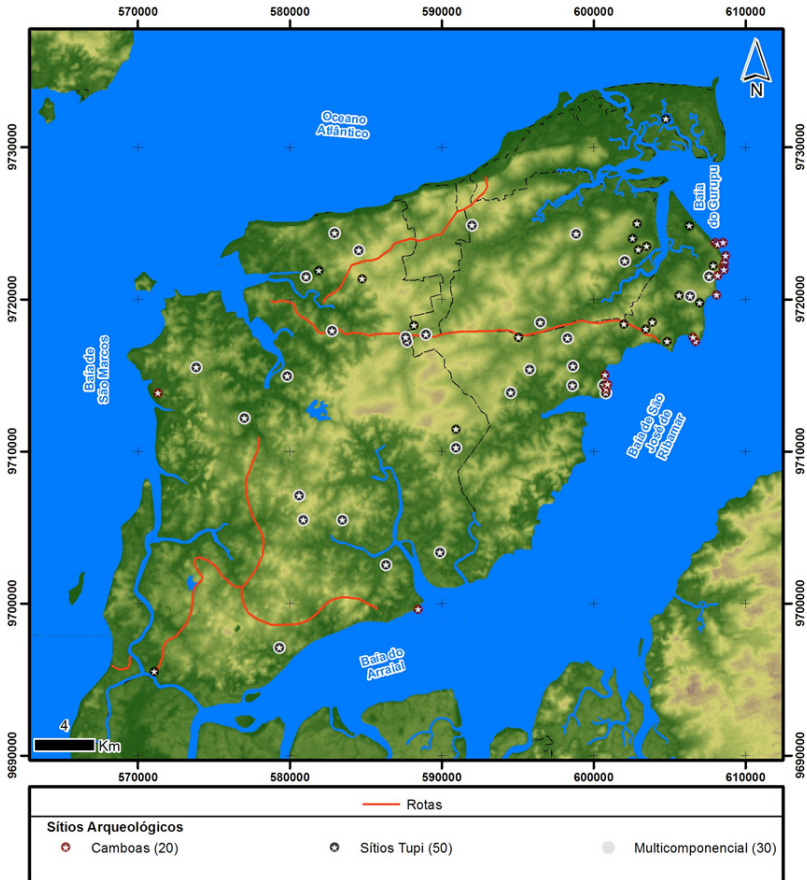


Figura 6 – Distribuição espacial dos sítios multicomponenciais em relação a outras categorias de sítios registrados na Ilha de São Luís – MA. Elaboração: Waldir Lustosa.

Portanto, dos mais de 100 sítios pré-coloniais já conhecidos para a Ilha de São Luís<sup>7</sup>, cerca de 30 apresentaram uma camada de terra preta associada a ocupação cerâmica incisa. Em relação aos sambaquis, a referida camada sempre ocorre depositada nos topos dos montículos de conchas com espessura variável, e, por vezes, penetrando à camada malacológica.

Os sambaquis que apresentaram esta conformação são citados no Quadro 1.

### **Quadro 1 – Listagem dos sambaquis na Ilha de São Luís onde ocorrem cerâmica incisa e terra preta no topo**

<b>Item</b>	<b>Sigla</b>	<b>Nome do Sítio</b>	<b>Município</b>	<b>Região</b>
1	SBG	Sambaqui do Bacanga	São Luís	Golfão Maranhense
2	SMB	Sambaqui da Maiobinha	São Luís	Golfão Maranhense
3	SVV	Sambaquis do Vinhais Velho	São Luís	Golfão Maranhense
4	SQP	Sambaqui do Quebra Pote	São Luís	Golfão Maranhense
5	SMN	Sambaqui Maracanã	São Luís	Golfão Maranhense
6	SPQ	Sambaqui da Panaquatira	São José de Ribamar	Golfão Maranhense
7	SPD	Sambaqui do Pindaí	São José de Ribamar	Golfão Maranhense
8	SPL	Sambaqui do Paço do Lumiar	Paço do Lumiar	Golfão Maranhense
9	STD	Sambaqui do Tendal	Paço do Lumiar	Golfão Maranhense
10	SMV	Sambaqui do Marval	Paço do Lumiar	Golfão Maranhense
11	SMJ	Sambaqui do Mojó	Paço do Lumiar	Golfão Maranhense
12	SIB	Sambaqui do Iguaíba	Paço do Lumiar	Golfão Maranhense

Conforme exposto, 12 (doze) sambaquis na Ilha de São Luís apresentaram um componente ocupacional relacionado aos povos ceramistas que manufaturaram cerâmica incisa associada à terra preta. Em relação aos assentamentos Tupi, incluindo os Tupi amazônicos e os Tupinambá, as camadas associadas ao *Horizonte ceramista inciso associado à terra preta* estavam em níveis superficiais com ocorrência de

<sup>7</sup> O quantitativo de sítios arqueológicos registrado na base de dados do CNSA – IPHAN encontra-se desatualizado em relação a produção de conhecimento sobre a arqueologia na Ilha de São Luís.

cerâmica policroma da Tradição Tupiguarani, por vezes apresentando misturas de materiais, devido aos fatores pós-deposicionais. Ou ainda, em sítios menos perturbados, onde a cerâmica está depositada entre o horizonte sambaqui e o Tupi, constituindo uma camada intermediária. Os sítios Tupi que que apresentaram esta conformação são citados no Quadro 2.

**Quadro 2 – Listagem dos sítios Tupi na Ilha de São Luís onde ocorrem cerâmica incisa e terra preta associadas**

Item	Nome do Sítio	Município	Região
1	Araçagy I	Paço do Lumiar	Golfão Maranhense
2	Campo dos Índios	São José de Ribamar	Golfão Maranhense
3	Maiobinha 1	São Luís	Golfão Maranhense
4	Maiobinha 2	São Luís	Golfão Maranhense
5	Maracanã	São Luís	Golfão Maranhense
6	Maracujá	São Luís	Golfão Maranhense
7	Mojo	Paço do Lumiar	Golfão Maranhense
8	Morro do Meio de Igarauá	São José de Ribamar	Golfão Maranhense
9	Ponta Verde	São José de Ribamar	Golfão Maranhense
10	Quebra-pote	São Luís	Golfão Maranhense
11	Riod	São Luís	Golfão Maranhense
12	Salinas	São Luís	Golfão Maranhense
13	Saramanta	São José de Ribamar	Golfão Maranhense
14	Summer Ville	São José de Ribamar	Golfão Maranhense
15	Turiúba I	São José de Ribamar	Golfão Maranhense
16	Turiúba II	São José de Ribamar	Golfão Maranhense
17	Vila Conceição	São Luís	Golfão Maranhense
18	Vinhais Velho	São Luís	Golfão Maranhense

Conforme exposto, 18 (dezoito) sítios filiados aos grupos Tupi pré-contato na Ilha de São Luís apresentaram um componente ocupacional mais profundo e antigo, relacionado aos povos ceramistas que manufaturaram cerâmica incisa associada à terra preta.

Considerando a distribuição dos sítios multicomponenciais associados ao *Horizonte ceramista inciso associado à terra preta* e a sua correlação com as bacias hidrográficas da Ilha de São Luís, a distribuição espacial é apresentada na Figura 7.

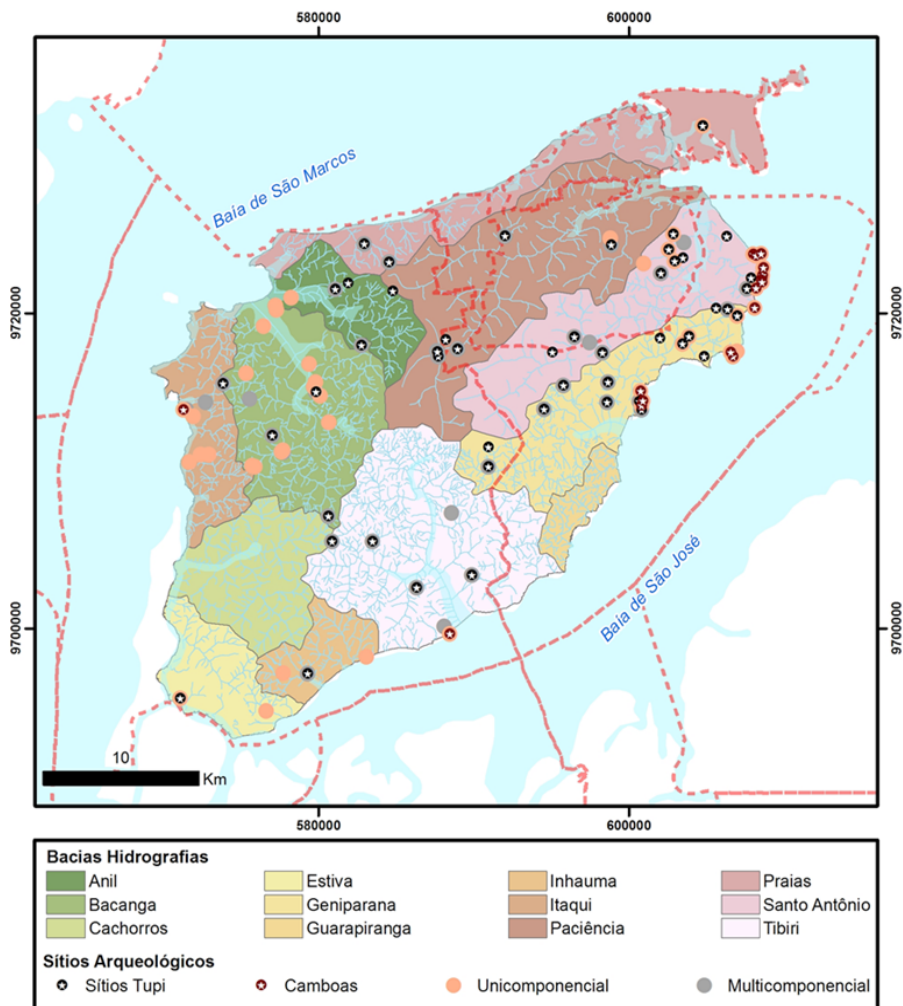


Figura 7 – Distribuição espacial dos sítios multicomponenciais, em relação as bacias hidrográficas da Ilha de São Luís – MA. Elaboração: Waldir Lustosa.



Diante deste quadro espacial, para fins deste artigo serão apresentados apenas os conjuntos cerâmicos escavados nos 5 sítios arqueológicos já citados, conforme ilustrado na Figura 8, que indica a localização dos sítios Sambaqui do Bacanga, Sambaqui da Panaquatira, Sambaqui do Paço do Lumiar, Vinhais Velho e Maiobinha I.

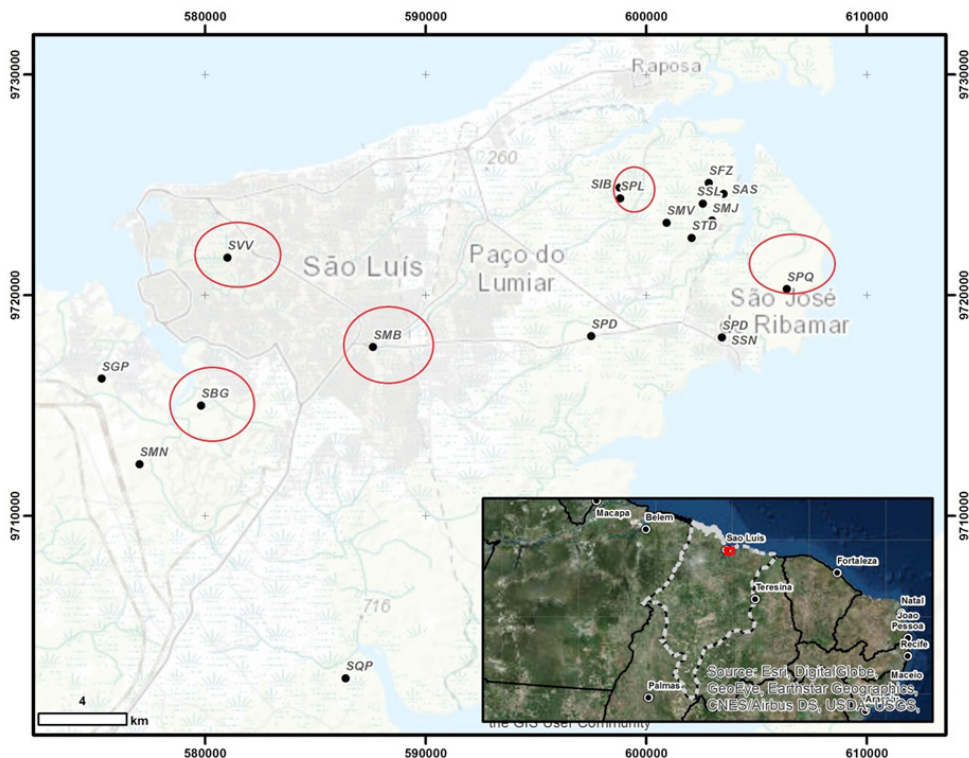


Figura 8 – Distribuição espacial dos sítios com cerâmica *Horizonte ceramista inciso associado à terra preta* apresentados neste artigo. Elaboração: Waldir Lustosa.

## INSERÇÃO TEMPORAL

A inserção temporal do conjunto cerâmico vinculado ao *Horizonte ceramista inciso associado à terra preta* foi estabelecida com base em 17 datas, distribuídas por 6 sítios arqueológicos, a saber, sítios

Sambaqui do Bacanga, Sambaqui da Panaquatira, Sambaqui do Paço do Lumiar, Vinhais Velho, Maiobinha 1 e o Maracanã<sup>8</sup>

Para tanto, foram empregadas as técnicas de Termoluminescência e Luminescência Opticamente Estimulada diretamente nos fragmentos cerâmicos e no sedimento coletado no entorno da amostra e AMS para carvão e ossos associados a fogueiras com fragmentos cerâmicos. O Quadro 3 apresenta as datações de acordo com o sítio, método e camada.

**Quadro 3 – Datações correlacionadas com a Horizonte ceramista inciso associado à terra preta**

Item	Sítio	Método	Idade	Variação	Calibração	Camada
1	Bacanga	AMS	1910		AP 1920 a 1910	TPA
2	Bacanga	AMS	1940		AP 1930 a 1820	TPA
3	Bacanga	C14	1080		-	TPA
4	Bacanga	C14	900		-	TPA
5	Bacanga	TL	680		-	TPA
6	Maiobinha	AMS	1210		AP 1240 a 1200	TPAs
7	Maracanã	AMS	1910		AP 1920 a 1910	TPA
8	Maracanã	TL	710		-	TPA
9	Paço do Lumiar	AMS	116			TPA
10	Paço do Lumiar	TL	865		-	TPA
11	Panaquatira	AMS	1290		AP 1290 a 1170	TPA
12	Panaquatira	AMS	1127			TPA
13	Panaquatira	AMS	1640		AP 1560 a 1420	TPA
14	Vinhais Velho	AMS	1840		AP 1860 a 1710	TPA
15	Vinhais Velho	TL	830		-	Cerâmica aplicada
16	Vinhais Velho	TL	1200		-	Cerâmica aplicada
17	Vinhais Velho	TL	970		-	Cerâmica aplicada

<sup>8</sup> As escavações realizadas no sítio Maracanã geraram grande quantidade de vestígios que ainda não foi analisada, visto que este sítio não foi abordado na Tese do autor. Não obstante, as datações do Maracanã estão sendo utilizadas neste artigo.

De acordo com a cronologia apresentada, a ocorrência inicial para cerâmica associada ao *Horizonte ceramista inciso associado à terra preta* se deu entre 1940 a 1910 anos antes do presente, a julgar pelas datações mais antigas obtidas para as ocupações em terra preta que se sobrepõem no Sambaqui do Bacanga e no Sítio Maracanã. Em torno de 1840 anos antes do presente, este mesmo conjunto cerâmico foi observado no Sítio Vinhais Velho, e 200 anos mais tarde, a ocupação associada à terra preta que recobriu o Sambaqui da Panaquatira também apresentou cerâmica com decoração incisa, conforme apresentado no gráfico de datações da Figura 9.

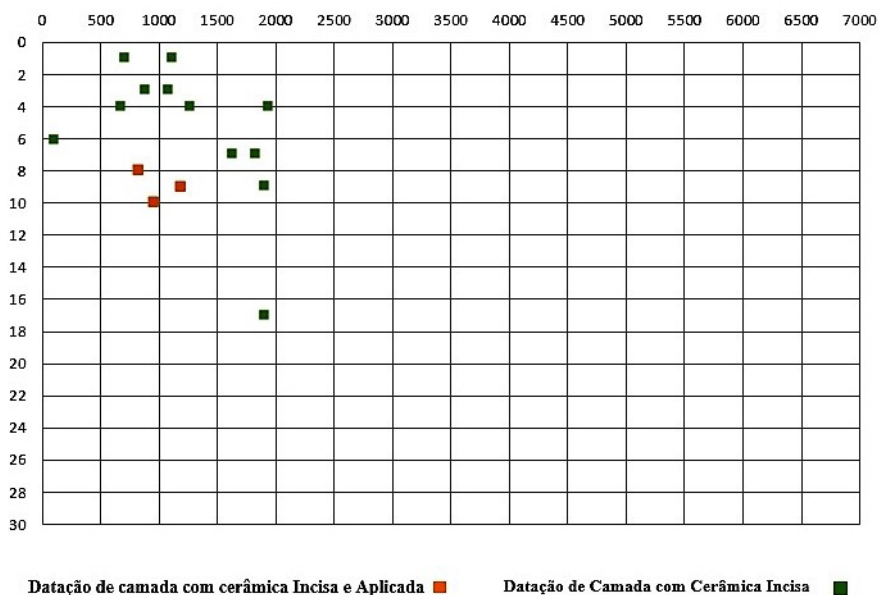


Figura 9 – Distribuição das datas associadas às camadas de terra preta com cerâmica incisa e aplicada.

Conforme ilustrado na Figura 9, a grande maioria das datas intemediárias situa-se em torno do ano 1000, a exemplo de uma camada de terra preta no Sambaqui da Panaquatira datada em torno de 1290 anos antes do presente. Além disso, idades bastante próximas

foram observadas em alguns sítios, a exemplo de de 1210 e 1200 anos antes do presente, respectivamente nos sítios Maiobinha I e Vinhais Velho, estendendo-se até 1080 anos antes do presente em uma camada de terra preta no Sambaqui do Bacanga.

As datas mais recentes relacionadas à cerâmica incisa foram observadas na maioria dos sítios investigados, a exemplo das ocupações em terra preta do Sambaqui do Bacanga, Panaquatira, Paço do Lumiar e Sítios Maiobinha I, Maracanã e Vinhais Velho. Tais datas se situam entre os anos 900 a 830 anos antes do presente, com amostras obtidas na ocupação de terra preta do Sítio Vinhais Velho, Sambaqui do Bacanga e Paço do Lumiar.

Por fim, a ocupação humana vinculada ao *Horizonte ceramista inciso associado à terra preta* começa a desaparecer do registro arqueológico, entre 710 e 680 anos antes do presente, conforme datações obtidas nas camadas mais superficiais do Sítio Maracanã e do Sambaqui do Bacanga, respectivamente.

Diante do quadro cronológico atual, as ocupações humanas vinculadas ao Horizonte ceramista inciso associado à terra preta apresentou uma amplitude temporal de cerca de 1230 anos, se forem consideradas as datações mais recuadas e as mais recentes.

Ao comparar temporalmente a cerâmica incisa associada as camadas de terra preta, em relação aos outros complexos cerâmicos, a exemplo da Mina, em camada de concha, o quadro representado na Figura 10 ilustra a amplitude cronológica de distintos momentos de ocupação da Ilha de São Luís.

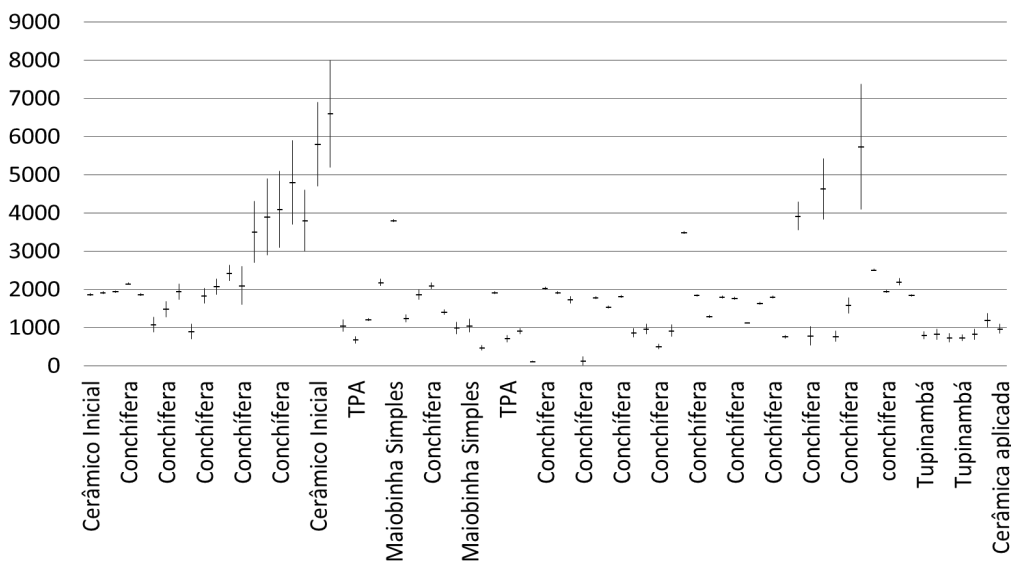


Figura 10 – Distribuição das datas associadas as camadas de terra preta com cerâmica incisa e aplicada.

## CARACTERIZAÇÃO TIPOLOGICA E ATRIBUTOS TÉCNICOS DA CERÂMICA INCISA ASSOCIADA À TERRA PRETA

Análises por distintas técnicas arqueométricas identificaram alguns elementos predominantes nas argilas utilizadas na cerâmica incisa associada à terra preta, a exemplo dos seguintes elementos: Br, Y, Ca, P, S e Sr, sobretudo, mas amostras coletadas nos sambaquis do Bacanga e Panaquatira, indicando tratar-se de um mesmo grupo de argilas, com fontes ocorrentes na Ilha de São Luís (IKEOKA, 2014). O mapeamento de possíveis fontes de argilas no entorno dos sítios arqueológicos com cerâmica incisa indicou algumas características de composições associadas ao Grupo Barreiras, a exemplo de siltitos argilosos ocre, argilas avermelhadas e argilas esbranquiçadas, a exemplo da Caulinita, Illita e Esmecitita, como principais matérias-primas para a manufatura cerâmica.

A manufatura dos conjuntos cerâmicos analisados foi representada por duas técnicas, a roletada e a modelada. A primeira esteve majoritariamente representada em todos os sítios arqueológicos com cerâmica incisa investigados; ao passo que a segunda foi empregada em menor quantidade, especialmente na elaboração de apêndices, apliques e adornos, conforme ilustrado nas Figuras 11 e 12.



Figura 11 – Aplique modelado representando uma figura humana. Foto: Autor, 2012.



Figura 12 – Adorno modelado com perfuração transversal. Foto: Autor, 2008.

A queima da cerâmica variou conforme o sítio arqueológico, o período de ocupação e o tipo de matéria-prima utilizada na manufatura do recipiente. Em termos gerais, a queima redutora (Figura 13) esteve presente hegemonicamente nas ocupações em terra preta dos Sambaquis do Bacanga, Panaquatira e Paço do Lumiar, variando entre a superfície até 30 cm de profundidade no primeiro, entre 30 e 70 cm de profundidade no segundo e a superfície até 125 cm de profundidade no terceiro sítio arqueológico (BANDEIRA, 2013). Nas ocupações em terra preta dos sítios Vinhais Velho e Maiobinha I, essa situação se inverteu e a queima oxidante foi a predominante na cerâmica (Figura 14) coletada entre a superfície até 80 cm de profundidade no primeiro e entre a superfície até 70 cm de profundidade no segundo sítio arqueológico (BANDEIRA, 2013).



Figura 13 – Fragmento cerâmico com queima redutora. Foto: Autor, 2013.



Figura 14 – Fragmento de cerâmica com queima oxidante. Foto: Autor, 2008.

Em relação ao antiplástico, as cerâmicas incisas associadas a terra preta mostraram-se bastante diferenciadas, quando comparadas com as cerâmicas Mina, associadas as ocupações sambaqueiras, sobretudo, pela ausência de concha agregada à argila, conforme demonstrado nas Figuras 15, 16, 18 e 18.

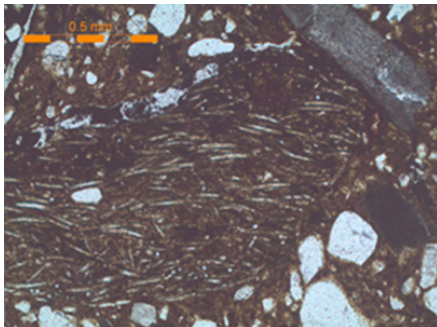


Figura 15 – Espículas de vegetal (palha?) + espículas (cauxi?)<sup>9</sup> + mineral (quartzo). Proveniência: Q B2 (z: 0 a10 cm). Sambaqui do Bacanga. Lâmina: Instituto de Geociências da USP, 2007.

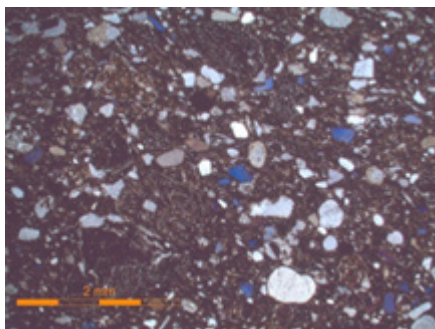


Figura 16 - Mineral (quartzo) + vegetal (canalículos de palha fina). Proveniência: Q A4 (z: 10 a 20 cm). Sambaqui do Bacanga. Lâmina: Instituto de Geociências da USP, 2007.

<sup>9</sup> O espectro observado na lâmina delgada do fragmento da Figura 15 parece indicar a presença de cauxi. Esta característica necessita ser melhor averiguada em outros fragmentos da amostra, visto que a caracterização dos antiplásticos foi feita no Instituto de Geociências- USP, que usou macrodefinições de temperos, a exemplo de mineral, biomineral e vegetal. Dentro da categoria vegetal foi comum a indicação de palha seca e dentre os biominerais, a indicação da concha. Na Ilha de São Luís, não existe na literatura arqueológica a presença de cauxi, mas em rios mais próximos à Amazônia sim. Caso isso se confirme, o uso do espongiário fortalece a hipótese de interações técnicas do horizonte analisado e fases cerâmicas amazônicas.





Figura 17 - Mineral (quartzo) + vegetal. Proveniência: Q A4 (z: 10 a 20 cm). Sambaqui da Panaquatira. Lâmina: LAEP - UFVJM, 2013.

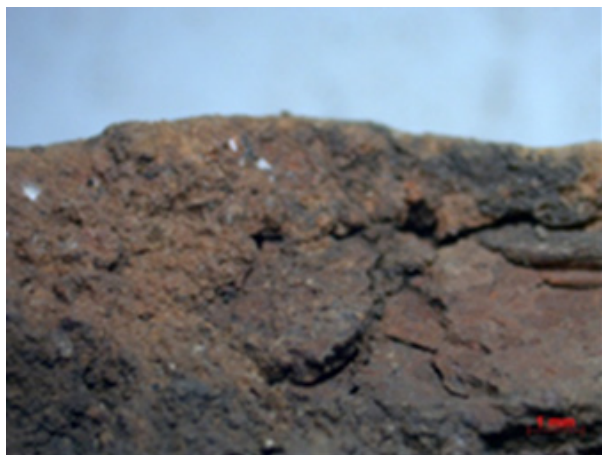


Figura 18 – Mineral + cerâmica triturada. Proveniência: trincheira – Q A2 (z: 10 a 20 cm). Sambaqui do Paço do Lumiar. Lâmina: LAEP - UFVJM, 2013.

Neste contexto, foram observados minerais, vegetais, carvão e cerâmica triturada, ora ocorrendo hegemonicamente, ora ocorrendo em associação. No Sambaqui do Bacanga, o uso de mineral associado a vegetal foi predominante, principalmente nas amostras analisadas

entre a superfície e 40 cm de profundidade. Esta mesma correlação foi observada no Sambaqui da Panaquatira, principalmente, entre o material cerâmico coletado entre a superfície e 50 cm de profundidade (BANDEIRA, 2013).

No Sambaqui do Paço do Lumiar, a cerâmica incisa apresentou, predominantemente, o uso de mineral com pouca ocorrência de vegetal, principalmente, entre a superfície e 60cm de profundidade. Nos sítios Vinhais Velho e Maiobinha I, os resultados apresentaram pequenas variações, com o uso de mineral e mineral e vegetal, entre a superfície e os níveis 100 a 110 cm, no primeiro sítio e apenas mineral em todos os níveis escavados no segundo sítio (BANDEIRA, 2013).

Em relação aos atributos morfológicos, os elementos mais característicos da cerâmica incisa associada à terra preta demonstram uma relativa variação das bordas e lábios, com o predomínio de bordas diretas, seguidas de extrovertidas, reforçada internamente, introvertida e reforçada externamente, com as formas dos lábios variando entre plano, arredondado, plano-arredondado, apontado e contraído.

A julgar pelos resultados das análises dos sambaquis do Bacanga e Panaquatira, a borda extrovertida com lábio arredondado ocorreu nos primeiros níveis, entre 10 a 50 cm de profundidade, sempre seguida de borda direta com lábio plano. Os demais tipos de borda ocorreram em menor número, distribuídos irregularmente entre as camadas de terra preta. No Sambaqui do Paço do Lumiar, foi observada menor variação nos tipos de bordas e lábios, com predominância hegemônica de bordas diretas e extrovertidas, com lábios arredondados, seguido do plano-arredondado (BANDEIRA, 2013).

Nos sítios Vinhais Velho e Maiobinha I, as bordas e lábios mantiveram-se equiparados com os dados anteriores, com a predominância hegemônica de bordas diretas e extrovertidas. Os demais tipos de borda, a exemplo de reforçados internamente, introvertidos e reforçados externamente distribuíram-se irregularmente no registro arqueológico. Da mesma forma, as formas de lábios mais características foram o plano e arredondado (BANDEIRA, 2013), conforme ilustrado nas Figuras 19 e 20.



Figura 19 – Borda direta com lábio plano. Detalhe para decoração incisa na linha da borda. Sambaqui do Bacanga. Foto: autor, 2005.



Figura 20 – Borda reforçada internamente direta com lábio arredondado. Detalhe para decoração incisa na linha da borda. Sambaqui do Bacanga. Foto: autor, 2005.

Em relação as formas das bases (Figuras 21 e 22), poucas variações foram observadas na cerâmica incisa associada à terra preta, com destaque para as bases planas, que foram as mais expressivas em todos os sítios, e com poucas amostras de base em pedestal e bases convexas. Sobre as formas do bojo dos recipientes cerâmicos, a análise indicou uma maior variação nas formas se relacionadas com a cerâmica Mina, a exemplo de contornos compostos, carenas, flanges mesiais e o uso de apliques e apêndices modelados. Apesar disso, a grande maioria

das formas permaneceu sendo a globular (BANDEIRA, 2013). Em relação aos processos de acabamento da cerâmica incisa associada à terra preta, foram observadas as técnicas de alisamento e polimento, sobretudo, na face externa dos fragmentos. Em alguns fragmentos foi notado o banho vermelho em ambas as faces. No entanto, o principal diferencial deste tipo cerâmico é a decoração majoritariamente plástica, empregada na face externa dos recipientes, entre o lábio,



Figura 21 – Fragmento de recipiente pouco profundo com borda direta e lábio arredondando e base plana. Sambaqui da Panaquatira. Foto: autor, 2009.



Figura 22 – Miniatura cerâmica com base em pedestal. Sambaqui do Bacanga. Foto: autor, 2005.

borda e porção do bojo, nas faces externas dos vasilhames fechados e nas faces externa e interna nos vasilhames abertos, com predominância dos incisos, excisos, escovados, pontuados, acanalados, digitados e ungulados.




















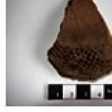











Com relação a distribuição espacial dos fragmentos cerâmicos com decoração plástica, no Sambaqui do Bacanga houve uma variedade de tipos representada pelo escovados, incisos, excisos, acanalados, digitados, ungulados e ponteados, bem como a ocorrência de duas ou mais tipologias juntas. A predominância foi do escovado, que ocorreu com maior frequência entre 30 e 40 cm de profundidade. Ao passo que os fragmentos com incisão também se distribuíram regularmente nos níveis escavados, com maior frequência entre 10 e 20 cm de profundidade, e perfazendo, entre 6% e 7% da amostra (BANDEIRA, 2013).

No Sambaqui da Panaquatira essa mesma variação foi observada, contudo, com pequenas diferenciações, principalmente com a predominância do inciso sobre o escavado, e em menor ocorrência os tipos excisos, acanalados, digitados, ungulados, ponteados e a associação de duas ou mais decorações plásticas, a exemplo de inciso-ponteados, inciso-acanalado e inciso-escovado. A cerâmica com decoração plástica se distribuiu irregularmente entre a superfície e 100 cm de profundidade (BANDEIRA, 2013).

O Sambaqui do Paço do Lumiar apresentou a mesma variedade nos tipos de decoração plástica, com o escovado sendo o mais expressivo, seguido do inciso e dos demais tipos, a exemplo dos excisos, acanalados, digitados, ungulados, ponteados e a associação de duas ou mais decorações plásticas juntas (BANDEIRA, 2013).

O Sítio arqueológico Vinhais Velho apresentou maior equilíbrio entre os tipos com decoração plástica dentre os sítios analisados, com a ocorrência de escovados, incisos, excisos, acanalados, ponteados, digitados, ungulados, aplicados e modelados; ao passo que o Sítio Maiobinha I apresentou a menor ocorrência de tipos com decoração plástica de toda a amostra, com predominância de excisos e escovados distribuídos entre todos os níveis escavados (BANDEIRA, 2013).

Estes elementos plásticos formaram várias composições geométricas, que foram agrupadas em alguns conjuntos, de acordo com as características dos grafismos ilustrados a seguir.

Conjunto 1 - Incisão profunda formando volutas onduladas. ❏					
Conjunto 2 - Incisões paralelas e perpendiculares formando faixas. ❏					
Conjunto 3 - Incisões paralelas e perpendiculares formando polígonos fechados. ❏					
Conjunto 4 - Incisos-ponteados formando figuras fechadas. ❏					
Conjunto 5 - Linhas paralelas e diagonais formando trançados e faixas abertas. ❏					
Conjunto 6 - Excisos e acanalados em traços profundos formando figuras geométricas. ❏					
Conjunto 7 - Escovados formando traços paralelos, diagonais e perpendiculares. ❏					

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Bandeira (2013).

A reconstrução hipotética de alguns fragmentos cerâmicos resultou em formas globulares fechadas e formas semi-esféricas abertas, conforme ilustrações a seguir.

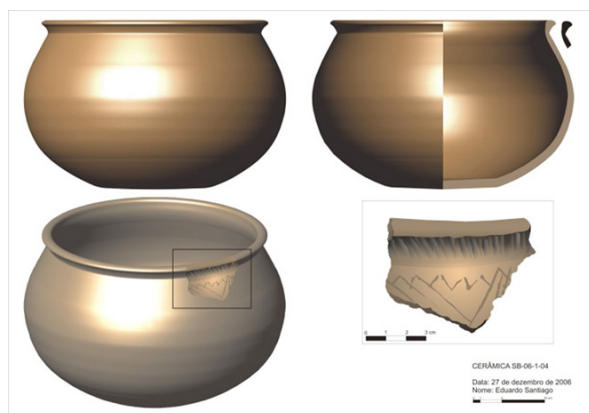


Figura 23 – Reconstituição hipotética de um vaso globular com base plana, parede angulada, borda extrovertida e lábio plano, com decoração plástica na face externa. Sambaqui do Bacanga. Composição: Santiago, 2008.

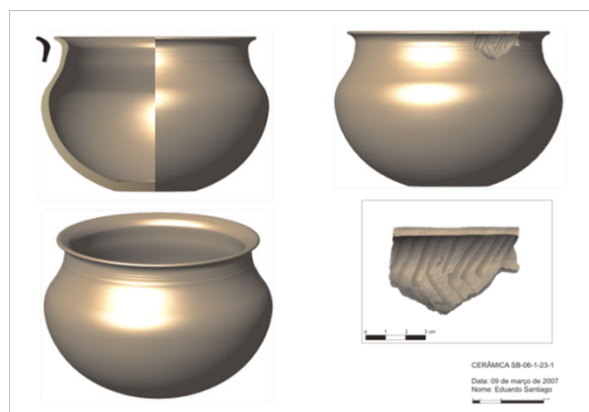


Figura 24 – Reconstituição hipotética de um vaso globular, com contorno aparente, base plana, borda extrovertida e lábio plano, com decoração plástica na face externa. Sambaqui do Bacanga. Composição: Santiago, 2008.

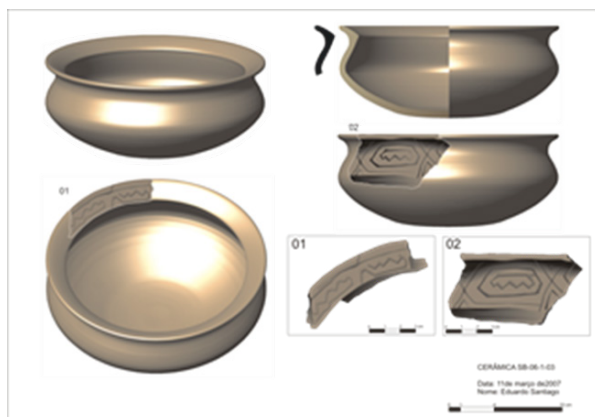


Figura 25 – Reconstituição hipotética de um vaso globular, com contorno composto, base plana, borda extrovertida e lábio plano e discreta flange labial, com decoração plástica na face externa e interna. Sambaqui do Bacanga. Composição: Santiago, 2008.

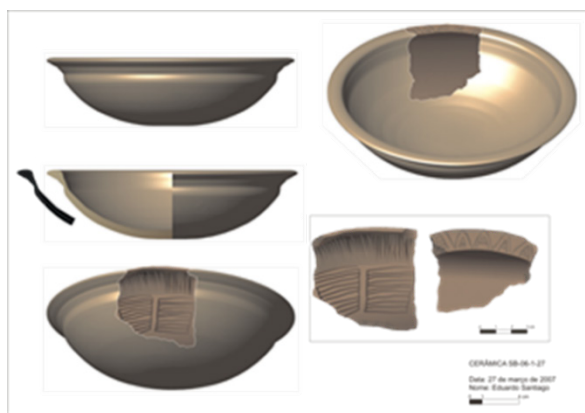


Figura 26 – Reconstituição hipotética de recipiente com forma aberta e contorno composto, com flange labial discreta, lábio apontado e decoração nas faces interna e externa. Sambaqui do Bacanga. Composição: Santiago, 2008.



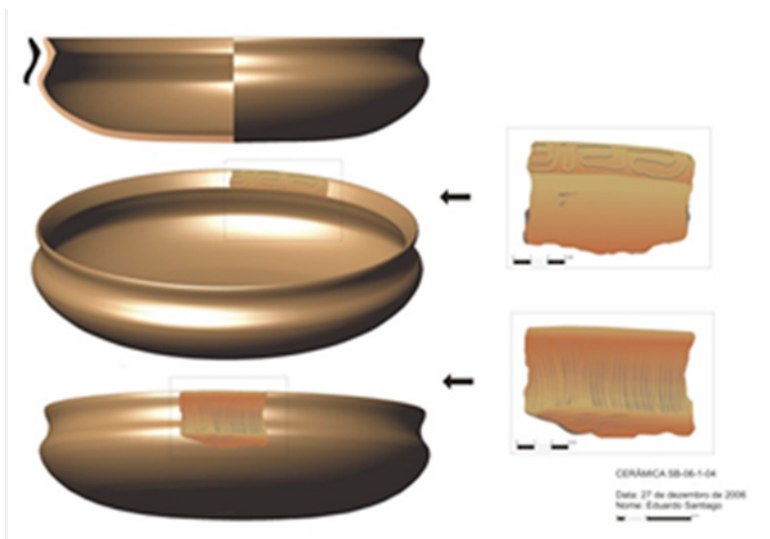


Figura 27 - Reconstituição hipotética de recipiente com forma aberta e contorno composto, com flange labial discreta, lábio arredondado e base convexa e decoração nas fases interna e externa. Sambaqui do Bacanga. Composição: Santiago, 2008

Em relação ao emprego social da cerâmica, a julgar por alguns fragmentos nos quais foram observados elementos indicativos de uso, a exemplo de orifícios de suspensão, machas de gordura, marcas de raspagem, limpeza, fuligens e esfumaçados, é provável que ela estava associada a um uso cotidiano na preparação e consumo de alimentos (Figuras 28 e 29).

Contudo, em um contexto de sepultamento infantil escavado no Sambaqui do Bacanga foi observada cerâmica com incisão em contexto funerário, atuando como enxoval do morto (BANDEIRA, 2013), conforme demonstrado nas Figuras 30 e 31.



Figura 28 – Fragmento cerâmico com marca de gordura e fuligem. Foto: Arkley Bandeira, 2008.



Figura 29 – Fragmento cerâmico com marca de gordura e fuligem e orifício de suspensão. Foto: Arkley Bandeira, 2008.



Figura 30 – Vasilha cerâmica evidenciada como acompanhamento funerário no Sambaqui do Bacanga. Foto: Arkley Bandeira, 2008.



Figura 31 – Detalhe do bojo da vasilha cerâmica com incisões, posicionada ao lado do crânio. Sambaqui do Bacanga. Foto: Arkley Bandeira, 2008.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cerâmica incisa associada à terra preta arqueológica vincula-se às ocupações humanas que ocorreram posteriormente aos grupos sambaquieiros na Ilha de São Luís, estando posicionada estratigraficamente entre as camadas associadas aos sambaquis e as ocupações Tupi.

Excetuando o horizonte sambaquieiro, é a ocupação com maior amplitude temporal, com 1230 anos de duração, visto que este tipo cerâmico aparece no registro arqueológicos dos sítios da Ilha de São Luís, entre 1940 a 1910 anos antes do presente, desaparecendo entre 710 e 680 anos antes do presente.

A hipótese de pesquisa que ainda necessita de subsídios empíricos mais consistentes é que esta ocupação se estendeu até a chegada dos grupos Tupinambá ao Maranhão, entre os séculos XIV e XVI, podendo ainda alguns sítios de terra preta terem alcançado o período de contato com o colonizador europeu, no século XVII. No entanto, a dificuldade em se datar as camadas mais superficiais extremamente antropizadas, associadas a cerâmica Tupinambá vem dificultando a caracterização temporal mais recente.

Outro ponto a ser destacado é que a ocupação relacionada a cerâmica incisa tem apresentando ampla distribuição espacial, ocorrendo em camadas de terra preta mais recentes, que se sobrepõem aos pacotes de conchas. Logo, a análise apresentada neste artigo refere-se às cerâmicas posicionadas nos topos dos sambaquis. Contudo, cabe ressaltar que outros sítios com terra preta e cerâmica incisa foram identificados na região do estudo, a exemplo do Maracanã, Araçagy I, Turiuba I e II, não obstante, carecem de análise do material cerâmico e correlação com o conhecimento já produzido.

Conforme delineado ao longo do artigo, o elemento comum a este período de ocupação é a presença de terra preta arqueológica como elemento majoritário, que se encontra depositada sobre a camada de conchas do horizonte anterior, associada a grande quantidade de fragmentos cerâmicos incisos, material lítico lascado e polido, ossos de peixe e total ausência de conchas no registro arqueológico.

As formações dessas terras pretas arqueológicas se materializam em depósitos de sedimentos que variaram entre 30 a 80 cm de espessura, muitas vezes aflorando na superfície, e se espalham por amplas extensões nos sítios arqueológicos, chegando a áreas com mais de 5 hectares, a exemplo da ocupação que se sobrepõe ao Sambaqui da Panaquatira.

Em relação ao material cerâmico, os exemplares associados a este horizonte apresentaram a maior variabilidade dentre todas as ocupações humanas investigadas na Ilha de São Luís. Além disso, foi observado o uso de uma gama de antiplásticos, a exemplo de vegetais, espículas de espongiários, palhas, carvão, mineral e cacos de cerâmica moídos, demonstrando também variabilidade no uso de matérias-primas. A queima oscilou entre redutora, oxidante e sanduíche, com núcleo variando entre redutor e oxidante.

A forma dos recipientes indicou maior esmero técnico na montagem dos vasos, com contornos compostos, carenas, flanges mesiais e o uso de apliques e apêndices modelados e paredes finas, grossas e médias, indicando recipientes de diversos tamanhos e espessuras. Em relação aos atributos formais, a análise indicou bordas diretas, extrovertidas, introvertidas, reforçadas interna e externamente, com lábios plano, arredondado e apontado. A base foi majoritariamente plana, com alguns poucos exemplares com pedestal.

A reconstituição dos fragmentos cerâmicos possibilitou visualizar vasilhas arredondadas profundas para cozimento e estocagem, pratos, tigelas e bacias utilizadas para servir, assadores para processamento de alimentos animais e vegetais.

Em relação ao tratamento de superfície, a ênfase deste horizonte foi o alisamento da face interna e externa e preparação e ênfase da decoração, principalmente no lábio, borda e parte do bojo, sendo observados alguns fragmentos em que a decoração se estendeu até o lábio. O tratamento plástico foi a principal técnica utilizada na decoração, em composições geométricas, figurativas, sinuosas, mediante a incisão, excisão, acanalado, escovado, ponteadado, ungulado e digitado, com exemplares associados à Borda Incisa, Achurado Zonado e Inciso Ponteadado.

O emprego social da cerâmica deste horizonte foi o mais variado dentre todas as ocupações humanas evidenciadas na Ilha de São Luís. Foram observados assadores e raladores em cerâmica que indicaram o processamento de vegetais e animais; como também recipientes associados ao armazenamento e ao cozimento. Outros artefatos manufaturados em argila foram os adornos de orelha e de lábio; instrumentos para confecção e decoração da cerâmica, estatuetas, rodela de fuso, pesos de rede, etc.

Estes artefatos poderiam indicar a fabricação de redes de pesca, denotando que esses povos também poderiam subsistir da pesca e da coleta de frutos do mar, podendo tratar-se de grupos com o modo de vida caracterizado como agricultor, pescador e caçador.

Além do emprego da cerâmica em atividades domésticas relacionadas ao processamento de alimento, neste horizonte ceramista foi observada cerâmica em contexto funerário, conforme observada nos sambaquis do Bacanga, Panaquatira e Paço do Lumiar, evidenciando um aspecto simbólico no trato deste tipo de cultura material.

Nos sambaquis do Bacanga, Panaquatira e Paço do Lumiar, enterramentos secundários associados a este horizonte cultural foram depositados em urnas cerâmicas, na maioria das vezes com as mesmas características tipológicas observadas no material cerâmico para uso doméstico. Em algumas situações, a exemplo do Bacanga e Panaquatira, recipientes cerâmicos compuseram o enxoval funerário. Conforme exposto, o estudo da cerâmica forneceu elementos caracterizadores sobre as populações associadas a cerâmica incisa depositada em terra preta arqueológica, definindo um modo de vida agricultor, com cultivo de diversas espécies de plantas, principalmente a mandioca, constituindo um outro momento de ocupação da Ilha de São Luís, ocorrido posteriormente à presença sambaqueira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SABER, Aziz N. **Brasil: Paisagens de exceção: o litoral e o Pantanal Mato-grossense: patrimônios básicos.** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006.

BANDEIRA, Arkley. Marques. **Ocupações humanas pré-históricas no litoral maranhense: um estudo arqueológico sobre o sambaqui do Bacanga na Ilha de São Luís-Maranhão.** 2008. 371f. Dissertação (Mestrado). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Pre-historic occupation at São Luis Island - Maranhão - Brazil: Chronology, ceramic, and landscape.** In: Congresso Internacional de Americanistas, 53º ICA: Cidade do México – DF, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ocupações humanas pré-coloniais na Ilha de São Luís – MA: inserção dos sítios arqueológicos na paisagem, cronologia e cultura material cerâmica.** 2013. 1096f. Tese (Doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

\_\_\_\_\_. **Distribuição espacial dos sítios Tupi na Ilha de São Luís, Maranhão.** Cadernos do LEPAARQ. Vol. XII, nº24, 2015.

\_\_\_\_\_. **Os sambaquis na Ilha de São Luís – MA: processo de formação, cultura material cerâmica e cronologia.** Revista Memorare, Tubarão. v. 2, n. 1/2/3, p. 1-25 mai./jun, 2015 (no prelo).

\_\_\_\_\_. **A cerâmica Mina no Maranhão.** In BARRETO, LIMA, Cristiana Helena Pinto, JAIMES, Carla (Orgs.) **Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese.** Belém: IPHAN, Ministério da Cultura, 2016.

CNISO - COMISSÃO NACIONAL INDEPENDENTE SOBRE OS OCEANOS. **O Brasil e o mar no século XXI. Relatório aos tomadores de decisão do país.** Rio de Janeiro, 1998.

EL-ROBRINI, Maâmar et al. **Atlas oceanográfico na área de influência do bloco exploratório BM-BAR-I,** 2002.

FEITOSA, Antonio Cordeiro. TROVÃO, José de Ribamar. **Atlas escolar do Maranhão: espaço geo-histórico e cultural**. João Pessoa: Grafset, 2006.

IKEOKA, Renato Akio. **Análise de cerâmicas de quatro sítios arqueológicos (ma e sp) por seis métodos analíticos atômicos, moleculares e nuclear**. 2014. Tese (Doutorado em Física) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR, 2014.

IMESC. Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos. **Situação Ambiental da Ilha do Maranhão/** Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos. São Luís: IMESC, 2011.

MENDES, Almicar C. geomorfologia e sedimentologia. In FERNANDES, M. E. B. (Org.). **Os manguezais da costa norte brasileira**. São Luís: Fundação Rio Bacanga, 2003.

MIRANDA, Luiz Bruner de et al. **Princípios de oceanografia física de estuários**. São Paulo: EDUSP, 2002.

SCHAEFFER-NOVELLI, Yara. **Os manguezais do Golfão Maranhense**. Relatório Técnico apresentado ao Laboratório de Hidrobiologia da Universidade Federal do Maranhão, São Luís: UFMA, 1983.

SCHLANGER, Sarah. H. Recognizing persistent places in Anasazi settlement systems. In: J. Rossignol & L. Wandsnider (eds), **Space, time and archaeological landscapes**, New York, 91-112, 1992.

SIMÕES, Mário Ferreira. **Contribuição do Museu Goeldi à arqueologia da Amazônia**. Belém: MPEG, 1978.

\_\_\_\_\_. **Coletores-pescadores ceramistas do litoral do Salgado**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Nova Série, Belém, n. 78, 1981.

Submissão: 17/07/2017

Aprovação: 14/08/2017